

A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo

“Parole” in Ferdinand de Saussure: a relational, oppositional and negative concept

Micaela Pafume Coelho*
Stefania Montes Henriques**

RESUMO: Neste artigo investigamos o conceito de “fala” na teoria saussuriana apresentada pelas notas dos alunos que participaram dos três cursos de linguística geral ministrados por Saussure em Genebra. Assim, utilizamos as notas de Albert Riedlinger referentes ao primeiro curso (1907) e ao segundo curso (1908-1909), juntamente com as notas de Charles Patois. As notas de Émile Constantin foram utilizadas no tópico dedicado ao terceiro curso (1910-1911). Nossa principal constatação consiste em afirmar que a fala não é excluída da teoria saussuriana, sendo conceituada de maneira relacional, opositiva e negativa em sua relação com a língua.

PALAVRAS-CHAVE: Saussure. Fala. Exclusões saussurianas.

ABSTRACT: This paper aims to investigate the concept of “parole” as for the saussurean theory presented in the notes taken by some students during the three courses in general linguistics taught by Saussure in Genève. We based on the notes taken by Albert Riedlinger which refer to the first (1907) and the second (1908-1909) courses, and also on the notes taken by Charles Patois. Further notes provided by Émile Constantin were used in the topic referred to the third course (1910-1911). Our main outcome consists in assert that the “parole” is not excluded from the saussurean theory, since it is conceptualized in a relational, oppositional and negative way, in its relationship with the “langue”.

KEYWORDS: Saussure. Parole. Saussureans exclusions.

1. Introdução

O Curso de Linguística Geral (CLG) é considerado a obra responsável pela fundação da Linguística Moderna. Publicada em 1916 por A. Sechehaye e C. Bally, é o resultado da edição das notas dos alunos que participaram dos cursos ministrados por Ferdinand de Saussure de 1907 a 1911. O motivo pelo qual é atribuída ao CLG a responsabilidade de consolidar a Linguística enquanto ciência encontra-se no fato de que essa obra efetua, dentre outras coisas, a delimitação de um objeto de estudo, a saber, a língua.

A língua é, para Saussure, um sistema que possui uma ordem própria. Isso implica afirmar que qualquer ordem que lhe seja exterior não interfere em seu funcionamento. De acordo com Normand (2009):

* Mestranda da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/FAPEMIG).

** Doutoranda da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Partir do sistema é assumir, desde já, um imperativo de método pela exclusão de outras condutas: a do fisiologista (o foneticista que registra e compara os sons de sua materialidade), bem como a do psicólogo ou do sociólogo (que analisa a língua em suas relações com o pensamento ou a sociedade, ou seja, com as realidades que contribuem para determinar o sistema do exterior). Dizer sistema é definir um *interior*, uma ordem própria da língua. (NORMAND 2009:50).

Assim, a partir do momento em que a língua é considerada como um sistema, o linguista deveria se dedicar ao estudo do funcionamento desse sistema e não dos aspectos exteriores a ele. Se levarmos em consideração que a tradição comparatista do século XIX – na qual o próprio Saussure se enquadrava¹ – priorizava o estudo e a comparação das várias línguas entre si, mas não utilizava os resultados obtidos para elucidar a natureza da linguagem, perceberemos o quanto era necessária a delimitação da língua enquanto sistema nessa época. Ademais, essa delimitação fez com que vários linguistas, posteriores a Saussure, acusassem-no de excluir alguns aspectos importantes ao funcionamento linguístico, tais como: a fala, o sujeito, a história e a referência.

De acordo com Komatsu (1993), Saussure pretendia fazer considerações sobre a faculdade da linguagem e sobre o uso da língua pelos indivíduos durante seu terceiro curso (1910-1911). Entretanto, o fato de que a primeira parte desse curso deveria ser, obrigatoriamente, sobre a história e descrição das línguas europeias impediu que a questão da fala fosse tratada detalhadamente no terceiro curso de linguística geral. A enfermidade que assolou Saussure, e seu consequente falecimento em fevereiro de 1913, impediram a abordagem de tal conteúdo em um curso posterior.

Apesar de ser impedido de fazer considerações aprofundadas sobre a fala, partimos do ponto de vista de que Saussure a conceituou, durante os três cursos de linguística geral, de maneira opositiva, relacional ou negativa. Isso é perceptível se atentarmos para as anotações dos ouvintes dos cursos, nas quais é notável que a fala é utilizada como um instrumento de construção do conceito de língua: a língua é o que a fala não é, mas ambas são interdependentes.

Nesse ponto, é importante ressaltar que Saussure preparava suas aulas antecipadamente e era extremamente didático. (cf. DE MAURO 1986:474). Isso nos leva a considerar a necessidade de investigar o conceito de fala diretamente nas anotações dos alunos, seguindo a ordem cronológica dos cursos. De acordo com Komatsu (1993), as notas de Albert Riedlinger

¹ O *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes* foi publicado em 1878 e é considerado como um dos trabalhos mais inovadores da Gramática Comparada.

são as que proporcionam mais detalhes do primeiro curso (1907) e do segundo curso (1908-9) – juntamente com as notas de Charles Patois -, enquanto que as notas Émile Constantin são mais completas no que diz respeito ao terceiro curso (1910-11). Ademais, sabe-se que o CLG é majoritariamente baseado no terceiro curso que, de acordo com nossas análises, trata da fala de maneira indireta. Há, portanto, a necessidade de se apreender a maneira como a fala é considerada nos dois primeiros cursos sem descartar, evidentemente, as considerações sobre esse conceito presentes no terceiro curso.

Além disso, é importante ressaltar que, de acordo com Mejía (2005), a distinção língua/fala possui grandes diferenças quando considerada no primeiro e no terceiro cursos:

(...) no que concerne à distinção língua/fala, Saussure disse, no primeiro curso exatamente o contrário do que ele afirma quatro anos mais tarde no terceiro curso, o que se explica por uma mudança de perspectiva e por uma teorização determinada, escolhida somente em 1911. (MEJÍA 2005: 52, tradução nossa).²

A possibilidade de haver uma mudança de perspectiva na distinção entre língua/fala incita-nos a investigar, nas notas dos alunos dos três cursos de linguística geral, de que maneira essa distinção é estabelecida em cada curso. Ademais, partimos de duas hipóteses fundamentais: a primeira diz respeito à negação de que a fala não foi teorizada por Saussure e a segunda, de que as diferenças existentes na consideração da distinção língua/fala não são suficientemente grandes para que seja possível afirmar serem definições diferentes no primeiro e terceiro cursos.

Com o intuito de corroborarmos essas hipóteses, esse artigo será dividido em quatro partes, a saber: i. explicitação do papel desempenhado pela fala no primeiro curso de linguística geral, de acordo com as notas de A. Riedlinger; ii. explicitação sobre o tratamento dado por Saussure a esse conceito no segundo curso, baseando-nos também nas anotações de A. Riedlinger e de C. Patois; iii. explicitação do conceito de fala no terceiro curso, com a análise dos cadernos de E. Constantin; e, por fim, iv. uma breve conclusão em que analisaremos o conceito de fala exposto em cada um dos três primeiros itens, a fim de comprovarmos as duas hipóteses expostas anteriormente.

². “(...) concernant la distinction langue/parole, Saussure a dit dans le premier cours l’exact contraire de ce qu’Il affirme quatre ans plus tard dans le troisième cours, ce qui s’explique par un changement de perspective et par une théorisation déterminée, choisie seulement en 1911.”

2. 1907: O Primeiro Curso de Linguística Geral

Saussure ministrou o primeiro Curso de Linguística Geral³ de 16 de janeiro a 31 de julho de 1907. De acordo com Godel (1969), a terminologia empregada nesse curso foi extremamente prudente, tendo em vista que Saussure evitava palavras como “signo” e “valor”, focando-se na perspectiva diacrônica da língua e anunciando que os aspectos sincrônicos seriam tratados em um curso posterior. (cf. GODEL 1969:34).

Apesar de enfatizar os estudos diacrônicos nesse curso, há passagens em que Saussure explicita a relação estabelecida entre a língua e a fala, o princípio da linearidade do signo, o papel da analogia nas transformações ocorridas no interior do sistema e, até mesmo, um esboço do que seria a teoria do valor⁴. Dessa forma, as questões que seriam abordadas mais detalhadamente nos cursos de 1908-9 e 1910-11, permeiam as considerações saussurianas sobre a diacronia e evidenciam a interdependência entre os domínios sincrônico e diacrônico da língua.

Como dissemos na introdução desse trabalho, o material que utilizaremos para análise nesse artigo constitui-se das notas dos alunos de Ferdinand de Saussure. No caso do primeiro curso, os cadernos de A. Riedlinger são os que estão mais completos e, dessa forma, possibilitam uma maior aproximação com o conteúdo ministrado pelo linguista genebrino⁵.

No segundo tópico abordado no PCLG, Saussure trata da relação entre fala e escrita. De acordo com ele, a palavra escrita não está coordenada à palavra falada e sim submetida a ela. (cf. SAUSSURE apud RIEDLINGER 1996:5). Essa afirmação possui várias implicações, mas talvez a mais importante delas seja o fato de que não há um processo de corrompimento da língua pela fala e sim um processo de transformação que ocorre na fala, que não pode ser impedido ou conservado pela escrita.

Do nosso ponto de vista, as afirmações mais relevantes de Saussure sobre a fala encontram-se na parte dedicada à analogia, especificamente às mudanças analógicas. Nessa parte, o conceito de fala é acompanhado pela definição de língua:

Todos <os> fatos de linguagem, <os fatos evolutivos sobretudo,> obriga <m> de se colocar em face da fala de uma parte e de outra parte do reservatório das formas pensáveis <ou> conhecidas do pensamento. É necessário um ato

³ Doravante PCLG.

⁴ Cf. SAUSSURE 1996:65.

⁵ Deve-se ressaltar que os cadernos de A. Riedlinger referentes ao primeiro curso foram editados e publicados por E. Komatsu e G. Wolf em 1996.

<inconsciente> de comparação não somente para criar, mas para compreender essas ligações. (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1996:65, tradução nossa).⁶

Assim, os fatos de linguagem localizam-se ao mesmo tempo no âmbito da fala e no âmbito do reservatório das formas conhecidas do pensamento. Podemos afirmar que esse “reservatório” é a língua e que há uma relação de interdependência entre esses dois domínios. Além disso, ao que nos parece, esse ato inconsciente está intimamente relacionado com a língua, porque se considerarmos que a analogia é um fenômeno que consiste em criar novas formas a partir daquelas já existentes (cf. SAUSSURE 2006:187), podemos afirmar que essa criação consolida-se na fala, mas depende inteiramente da língua.

Na continuação dessa passagem, Saussure (1996) explicita que independente da palavra enunciada, ela evoca em nosso espírito uma série de outras palavras que lhe são relacionadas:

Não importa qualquer palavra só enuncia qualquer coisa para o espírito por que é comparada imediatamente com tudo o que poderia significar qualquer coisa de ligeiramente diferente (facias: faciam, facio). Se é verdade que sempre há a necessidade do tesouro da língua para falar, reciprocamente tudo o que entra na língua foi primeiro ensaiado na fala em um numero de vezes suficiente para que resulte em uma impressão durável: **a língua não é mais que a consagração disso que foi evocado <pela> fala.** (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1996:65, tradução).⁷ [grifo nosso].

Essa citação possui dois pontos que devem ser ressaltados. O primeiro ponto diz respeito ao valor. Quando Saussure afirma que qualquer palavra enunciada evoca no espírito uma série de outras palavras ligeiramente diferentes há, implicitamente, a explicitação de uma das características fundamentais do signo, a saber, o fato de que ele é relacional. O segundo ponto a ser ressaltado diz respeito à afirmação de que a língua é necessária para falar, mas que tudo na língua foi ensaiado, primeiramente, na fala. Ora, a relação de interdependência é colocada explicitamente nessa afirmação: não há língua se não houver fala e, reciprocamente, não há a possibilidade de falar se não houver a língua. Após afirmar que a oposição entre língua e fala é muito importante para o estudo da linguagem, Saussure explicita que:

⁶ Tous <les> faits de langage, <les faits évolutifs surtout,> force <nt> de se placer en face de la parole d’une part et d’autre part du réservoir des formes pensées <ou> connues de la pensée. Il faut un acte <inconscient> de comparaison non seulement pour créer mais pour comprendre les rapports.

⁷ N’importe quel mot n’arrive à énoncer quelque chose pour l’esprit que parce qu’il est comparé immédiatement avec tout ce qui pourrait signifier quelque chose de légèrement différent (facias :faciam, facio). S’il est vrai que l’on a toujours besoin du trésor de la langue pour parler, réciproquement tout ce qui entre dans la langue a d’abord été essayé dans la parole un nombre de fois suffisant pour qu’il en résulte une impression durable : **la langue n’est que la consécration de ce qui avait été évoqué <par> la parole.**

Uma maneira de tornar particularmente sensível e <observável> essa oposição é opor língua e fala no indivíduo (é verdade que a linguagem é social, mas para um número de fatos é mais cômodo de encontrá-la no indivíduo). Então, podemos distinguir quase tangivelmente essas duas esferas: língua e fala: tudo o que é produzido pelos lábios por necessidades do discurso e por uma operação particular: é a **fala**. Tudo o que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito das formas <entendidas e> praticadas e de seus sentidos: <é> a **língua**. (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1996:65, tradução nossa). [grifos do autor]-⁸

É perceptível que Saussure afirma que a linguagem é social e acrescenta a essa informação o fato de ser mais fácil encontrá-la no indivíduo. Aqui se poderia objetar que Saussure enfatiza mais o individual que o social, pois busca a linguagem no indivíduo e não na sociedade. A questão é que não parece haver para Saussure, já na época do primeiro curso, uma maneira de se conceber um indivíduo determinado fora da linguagem. Assim, mesmo que seja dito que há um lado individual/social, a questão primordial parece ser o fato de que tanto o lado individual quanto o social encontram-se localizados, ao mesmo tempo, no indivíduo.

Além disso, Saussure afirma que a fala é tudo aquilo que “sai dos lábios pelas necessidades do discurso e por uma operação particular” enquanto que a língua consiste no conteúdo presente no cérebro do indivíduo, o “depósito das formas praticadas e de seu sentido”. Nesse ponto, podemos concluir que, no que diz respeito à fala, ela está intimamente relacionada com os aspectos exteriores à língua: o contexto, os objetos, etc. Mas, ao mesmo tempo, o indivíduo deve necessariamente utilizar-se da língua para falar. Ao que nos parece, portanto, é a fala que possibilita que a língua entre em contato com o extralinguístico e, a partir desse contato, sofra alterações.

Na continuação dessa passagem, Saussure desenvolve a distinção entre língua e fala:

Dessas duas esferas, a esfera da fala é a mais social, a outra é a mais completamente individual. A língua é o reservatório individual; tudo o que entra na língua, ou seja, na cabeça, é individual. (...) Se tudo que é produzido de novo é criado na ocasião do discurso, isso quer dizer ao mesmo tempo que é do lado social da linguagem que tudo se passa. Em segundo lugar, é suficiente tomar a soma dos tesouros de língua individuais para se ter a **língua**. Com efeito, tudo isso que se considera na esfera interior do indivíduo é sempre social por que nada lhe penetra que <não seja> pela fala, primeiro

⁸ Um moyen de rendre particulièrement sensible et <observable> cette opposition c'est de opposer langue et parole dans l'individu (le langage est social il est vrai mais pour nombre de faits il est plus commode de le rencontrer dans l'individu). On pourra alors distinguer presque tangiblement ces deux sphères : langue et parole : Tout ce qui est amené sur les lèvres par les besoins du discours et par une opération particulière : c'est la *parole*. Tout ce qui est contenu dans le cerveau de l'individu, le dépôt des formes <entendues et> pratiquées et de leurs sens : <c'est> la *langue*.

<consagrado pelo uso> de todos na esfera da fala. (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1996:65-66, tradução nossa). [grifos do autor]⁹

Assim, Saussure afirma o caráter social da fala em oposição ao caráter individual da língua. Uma leitura desatenta poderia resultar na afirmação de que há um posicionamento distinto daquele do CLG, tendo em vista que na edição, a língua é social e a fala individual. O que temos que clarificar nessa passagem é o fato de que a fala é social justamente porque permite ao indivíduo comunicar algo aos outros indivíduos de uma sociedade. A língua é individual por que está presente no cérebro de cada indivíduo, permitindo a sua execução pela fala. Entretanto, se unirmos todos os depósitos presentes em todos os indivíduos de uma sociedade, alcançaremos o que deve ser o objeto da linguística, a saber, a língua. Nesse ponto, o caráter social da língua advém justamente do fato de que sua aquisição depende inteiramente de seu uso pelos falantes, ou seja, pela fala.

Levando em consideração o que foi exposto, achamos que é necessário analisarmos de que maneira a distinção língua/fala foi tratada por Saussure no Segundo Curso de Linguística Geral e se é possível perceber nele um maior desenvolvimento dessa distinção e a existência de um conceito mais delimitado de fala.

3. 1908-1909: O Segundo Curso de Linguística Geral

As aulas do segundo curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure ocorreram da primeira semana de novembro de 1908 ao dia 24 de junho de 1909, segundo De Mauro (1967:353). A. Riedlinger e C. Patois, dois dos 11 ouvintes para os quais o segundo curso foi ministrado, se destacaram por fornecer anotações bastante completas sobre do conteúdo apresentado nas aulas.

De acordo com Komatsu (1997:vii), as anotações de Riedlinger apresentam muitos detalhes acerca do curso, embora o ouvinte conferisse e complementasse suas anotações a partir das anotações elaboradas por outro ouvinte, Émile Constantin. As anotações de Patois, por outro

⁹ "Des ces deux sphères la sphère parole est la plus sociale, l'autre est la plus complètement individuelle. La langue est le réservoir individuel; tout ce qui entre dans la langue, c'est-à-dire dans la tête, est individuel. (...) Si tout ce qui se produit de nouveau s'est créé à l'occasion du discours c'est dire que en même temps que c'est du côté social du langage que tout ce passe. D'autre <part> il suffira de prendre la somme des trésors de langue individuels pour avoir la langue. Tout ce que l'on considère en effet dans la sphère intérieure de l'individu est toujours social parce que rien n'y a pénétrer qui <ne soit> d'abord <consacré par l'usage> de tous dans la sphère extérieure de la parole."

lado, embora não sejam tão completas, parecem ser independentes, refletindo o entendimento do que foi exposto por Saussure sob a ótica única do próprio ouvinte¹⁰.

No que tange à estrutura do curso é importante ressaltar que, de acordo com Komatsu (1997:vii), mais da metade do conteúdo componente das aulas consistiu na descrição das línguas indo-europeias. As aulas destinadas à Linguística Geral consistiram, portanto, em menos da metade do curso, fato que nos leva a perceber que “os cursos não eram primordialmente voltados para a teoria linguística, mas para a descrição das línguas”¹¹ (KOMATSU 1997: vii, tradução nossa).

As anotações de Riedlinger e Patois foram publicadas em 1997, no livro “Segundo Curso de Linguística Geral – dos cadernos de Albert Riedlinger e Charles Patois”¹². Esse livro consiste em uma edição de Komatsu, com tradução de Wolf, cuja autoria é concedida a Saussure. No que tange ao conteúdo, a edição se restringe apenas às anotações referentes à Linguística Geral, não abrangendo, portanto, o conteúdo que se refere à comparação das línguas indo-europeias.

Desse modo, destacamos que, embora a contribuição de Saussure concernente à Linguística Geral tenha sido exposta em poucas aulas do segundo curso, há passagens bastante relevantes acerca da distinção entre língua e fala nessa edição. Contudo, é necessário ressaltar que, embora já fosse evidenciado durante o segundo curso que língua e fala são termos com conceituações distintas, a diferenciação entre linguagem x fala e linguagem x língua, por outro lado, não é tão claramente apontada.

A partir da análise dos trechos do SCLG que tratam da diferenciação entre os três termos em questão (linguagem, língua e fala), percebemos que a conceituação de linguagem se confunde ora com a conceituação fala, ora com a conceituação de língua. Como podemos observar no trecho a seguir, as anotações de Riedlinger trazem que a **língua**, e não a **linguagem**, possui um lado duplo, que corresponde ao social e ao individual:

Na língua há, portanto, sempre um lado duplo que se corresponde. Ela é

Social
Individual

¹⁰ Cf. Komatsu, 1997.

¹¹ “the courses were not primarily aimed at the theory of linguistics, but at the description of languages”.

¹²Doravante SCLG.

Se considerarmos, portanto, a esfera onde vive a língua, haverá sempre a língua individual e a língua social.¹³ (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1997: 3, tradução nossa).

O modo como o termo “língua” é utilizado nesse trecho abre margem para a dedução de que, durante o segundo curso, Saussure ainda não havia estabelecido uma distinção conceitual bem definida entre língua e linguagem, visto que o CLG apresenta a linguagem como “o cavaleiro de diferentes domínios”¹⁴, ou seja, é ela o elemento constituído por um lado social e um lado individual. Contudo, se formos um pouco mais à frente no SCLG, veremos que o linguista apresenta, de fato, uma distinção entre esses termos:

Sempre na mesma dualidade, se questionamos onde está a verdadeira sede, a mais essencial da língua, deve-se fazer a distinção entre: **linguagem** (= língua considerada no indivíduo; nada mais é que um poder, uma faculdade, a organização pronta para ser falada; contudo, o indivíduo por si só nunca atingirá à língua) e **língua** que é <algo> eminentemente social; nenhum fato existe linguisticamente ao não ser a partir do momento em que ele se torna um fato de todos, independentemente de seu ponto de partida. A consagração social, pela massa, parece ser uma unidade em que se pode enfim descansar das dualidades identificadas pelo grau.¹⁵ (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1997:3, tradução nossa) [grifo do autor]

Saussure afirma que para que o fato linguístico seja consagrado, é necessária sua aceitação pela da massa social, ou seja, é preciso haver uma convenção. Podemos afirmar que essa convenção consiste na **língua**, apresentada no trecho acima como algo eminentemente social e responsável pela existência dos fatos linguísticos. Por outro lado, a **linguagem** é apresentada nesse trecho como a língua no indivíduo, ou seja, como uma organização que permite ao indivíduo a execução da fala.

Percebemos que essa caracterização da linguagem exposta por Saussure durante o segundo curso assemelha-se à caracterização de **fala** encontrada no CLG, uma vez que, na edição, o conceito de fala é caracterizado, por negatividade e oposição, como a parte da

¹³ “Dans la langue, il y a donc toujours un double côté qui se correspond. Elle est ^{Sociale} _{individuelle} Si on considère donc la sphère où la langue vit, il y aura toujours la langue individuelle et la langue sociale.”

¹⁴ Cf. Saussure, 2006:17.

¹⁵ “Toujours dans la même dualité,> si on demande où est le siège le plus véritable, le plus essentiel de la langue, il faut faire la distinction entre: **langage** (= langue considérée dans l'individu; n'est qu'une puissance, faculté, l'organisation prête pour parler; mais l'individu laissé à lui-même n'arrivera jamais à la langue) et **langue** qui est une <chose> éminemment sociale; aucun fait n'existe linguistiquement qu'au moment où il est devenu le fait de tout le monde, quel que soit son point de départ. La consécration sociale, par la masse, semble être une unité ou l'on puisse enfin se reposer au milieu des dualités que nous avons signalées par degré.”

linguagem cuja existência depende do indivíduo. Além disso, no próprio SCLG há uma definição de fala que se aproxima da definição de linguagem também apresentada no livro:

Por fala se entende o ato do indivíduo ao realizar sua faculdade por meio da convenção social que é a língua. Na fala há uma ideia de realização do que é permitido pela convenção social.¹⁶ (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1997:4, tradução nossa).

Nota-se que tanto a linguagem como a fala são consideradas por Saussure como individuais durante o segundo curso. No entanto, há uma distinção de ordem prática entre elas: a linguagem consiste no poder que os indivíduos têm sobre o uso da língua à medida que eles a adquirem, e a fala consiste na realização desse uso. Ao estabelecer a fala dessa forma, isto é, como a realização da faculdade da linguagem, é perceptível que o indivíduo mostra-se essencial para a sua execução.

Isso nos leva a crer que, assim como no PCLG, a fala no segundo curso está intimamente relacionada a fatores externos à língua. Essa relação é ainda mais evidente quando Saussure aborda os dois diferentes domínios em que as relações linguísticas podem ser estabelecidas.

Pode-se chamá-la de ‘dois lugares de existência de um elemento’, ou: as ‘duas esferas de relação entre as palavras’. Ela corresponde a duas funções ativas. Existe, de um lado, o tesouro interior que equivale ao armazenamento da memória, que consiste no primeiro lugar de existência ou na primeira esfera de relação. É esse tesouro interior, onde estão ordenados tudo o que pode entrar em atividade num outro lugar de existência que é o discurso, a cadeia da fala.¹⁷ (SAUSSURE apud PATOIS 1997:143, tradução nossa).

Esses domínios consistiram no cerne que propiciou o estabelecimento das relações sintagmáticas e associativas, tal como são denominadas no CLG. De acordo com o trecho citado, as relações entre os elementos linguísticos podem ser efetivadas tanto nos registros da memória, como também no **discurso** ou **cadeia da fala**. Assim, ao equiparar a fala ao discurso, Saussure a destaca como elemento que coloca a língua em contato com o extralinguístico, uma vez que a ação do discurso exige o contato do indivíduo com fatores externos à língua, como o contexto e outros indivíduos. Esse desenvolvimento conceitual se aproxima do argumento

¹⁶ “Par la parole on désigne l'acte de l'individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue. Dans la parole il y a une idée <de> réalisation de ce qui est permis par la convention sociale.”

¹⁷ “On <peut> appeler cela les «deux lieux d'existence d'un élément» ou: les «deux sphères de rapport entre les mots». Cela correspond à deux fonctions actives. Il existe d'une part le trésor intérieur qui équivaut aux casiers de la mémoire; c'est le premier lieu d'existence ou la première sphère de rapport. C'est ce trésor intérieur où sont rangés dans un ordre tout ce qui peut entrer <en> activité dans l'autre lieu d'existence qui est le discours, la chaîne de la parole.”

defendido por Saussure no primeiro curso de que é por meio da fala que a língua se relaciona com fatores extralinguísticos, propiciando a ocorrência de alterações.

Ainda a respeito do trecho citado anteriormente, é válido ressaltar que Saussure utiliza o termo composto “cadeia da fala”, ao invés de utilizar apenas o termo “fala”. Se considerarmos a palavra “cadeia” como sinônimo de “série”, podemos afirmar que sua inserção acrescenta ao conceito de fala a ideia de linearidade. Esse entendimento pode ser reafirmado pelo seguinte fragmento retirado do SCLG:

Pode-se dizer que é uma característica linear: a <cadeia da fala obrigatoriamente> se nos apresenta como uma linha e tem uma grande importância <para todas as relações que se estabelecerão posteriormente>¹⁸ (SAUSSURE apud RIEDLINGER 1997:20, tradução nossa).

A cadeia da fala, segundo Saussure, é apresentada como uma linha, que consiste no espaço onde as posteriores relações linguísticas se estabelecerão. A esse respeito, é importante ressaltar que, no CLG¹⁹, a linearidade é exposta como uma característica primordial do signo linguístico, a qual, juntamente com a arbitrariedade, permite o funcionamento do valor linguístico.

No SCLG, é perceptível que a linearidade é evidenciada por Saussure por meio da cadeia da fala. Dessa forma, ao adicionarmos a tal fato todas as considerações que expusemos anteriormente acerca da fala, percebemos que o tratamento dado a tal conceito durante o segundo curso foi primordial para as definições acerca do funcionamento sincrônico da língua estabelecidos por Saussure no terceiro curso.

4. 1910-1911: O Terceiro Curso de Linguística Geral

O terceiro curso de Linguística Geral ministrado por Saussure iniciou-se no dia 29 de outubro de 1910, finalizando quase nove meses mais tarde, em quatro de julho de 1911 (DE MAURO 1967:353). De acordo com Komatsu (1993), Saussure dividira o curso em três partes, a saber: i) “As línguas”, em que tratou dos aspectos gerais das línguas existentes; ii) “A língua”, em que seguiu para a abordagem sincrônica da língua, que já apresentava uma caracterização distinta do conceito de linguagem; iii) “Faculdade da linguagem e seu uso pelos indivíduos”,

¹⁸ “On pourrait dire que c'est un caractère linéaire: la <chaîne de la parole forcément> se présente a nous comme une ligne et <cela> a une immense portée <pour tous les rapports postérieurs qui s'établiront.>.”

¹⁹ Cf. Saussure, 2006:84.

em que trataria do uso individual da língua, ou seja, da fala, mas que não pode ser concluída devido ao término do curso e consequente falecimento de Saussure.

O terceiro curso foi o último da série de cursos de Linguística Geral ministrados pelo linguista na Universidade de Genebra, e contou com a participação de um total de 12 ouvintes. Dentre eles estava Émile Constantin, presente também no segundo curso, que é considerado um aluno assíduo e que desenvolveu, ao longo dos cursos de Saussure, uma escuta peculiar da fala de Saussure (cf. MEJIA 2005:49). A partir dessa escuta, Constantin elaborou suas anotações a respeito do conteúdo apresentado durante o terceiro curso, as quais, em 1993, originaram a publicação do livro “Terceiro Curso de Linguística Geral- dos cadernos de Émile Constantin²⁰”.

A publicação tardia do TCLG se deve ao fato de que, de acordo com Harris (1993:viii), as anotações de E. Constantin²¹ foram disponibilizadas à BGE, pelo próprio ouvinte, apenas em 1958. Diferente dos cadernos de Mme. Secheyay, G. Dégallier e F. Joseph²², também ouvintes do terceiro curso, os cadernos de E. Constantin não foram utilizados por Bally e Secheyay como fontes para a elaboração do CLG, por razões desconhecidas (MEJIA 2005:52).

Dessa forma, uma vez que, de acordo com seus editores, o CLG consiste em uma edição de anotações que se referem, majoritariamente, ao terceiro curso de Saussure, podemos afirmar que o TCLG consiste em uma edição cujo conteúdo se mostra congruente a grande parte do conteúdo do CLG²³. Contudo, apesar dessa semelhança entre os conteúdos dos dois livros, o TCLG, por não ter sido utilizado como fonte de elaboração da edição de Bally e Secheyay, apresenta pontos de confronto com a mesma, visto que o modo como o conteúdo foi registrado por Constantin se difere do modo como o mesmo conteúdo foi registrado por cada um dos ouvintes que cederam suas anotações para a elaboração do CLG.

Tendo isso em vista, objetivamos buscar no TCLG as partes que propiciam, de forma direta ou indireta, uma caracterização do termo fala para Saussure durante o terceiro curso, ou seja, visamos à exposição das passagens da edição que caracterizem o conceito de “fala”, seja por oposição, relação ou negatividade, ou mesmo de forma direta. Como já foi mencionado anteriormente, não foi possível que Saussure ministrasse a terceira parte do curso, na qual trataria mais detalhadamente sobre a questão da fala. Portanto, as partes da edição que tratam

²⁰ Doravante TCLG.

²¹ Segundo Godel (1959 apud De Mauro 1967), Émile Constantin participou dos dois últimos cursos de Saussure, ocorridos de 1908 a 1911.

²² No que tange ao terceiro curso, Bally e Secheyay utilizaram os cadernos desses três ouvintes como fontes de elaboração do CLG.

²³ Para maiores informações acerca da congruência de conteúdos entre as obras, conferir Coelho (2011).

de alguma forma sobre tal conceito foram feitas principalmente durante a segunda parte do terceiro curso, embora haja algumas passagens no capítulo “Representação da língua pela escrita”, da primeira parte do curso, em que a fala é mencionada, como podemos observar a seguir:

É dada uma importância muito maior à imagem que à coisa real. E isso por diversas razões. [...] Em segundo lugar, porque a maior parte dos indivíduos dá preferência às impressões visuais sobre as impressões acústicas. Essa imagem que parece ser a coisa em si, e nos parece ser fixa, tangível, visível, enquanto que a **fala** parece inacessível, flutuante, assim que ela para de ressoar.²⁴ (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993:41, tradução nossa). [grifo nosso]

Nesse trecho, vemos a fala como elemento de comparação com a escrita. Entretanto, percebe-se que a fala está atrelada à impressão acústica, que é elusiva e flutuante, enquanto que a escrita está atrelada à impressão visual, que é fixa e tangível. Tal fato, segundo Saussure (1993) faz com que os indivíduos deem mais importância à impressão visual que à impressão acústica ou à fala. É importante ressaltar, contudo, que a fala é associada à impressão acústica, e não à imagem acústica. A nosso ver, a impressão acústica consiste na informação que foi passada oralmente, assim como a impressão visual consiste na informação que foi passada visualmente. Por outro lado, a imagem acústica, de acordo com a terminologia saussuriana, consiste na contraparte da ideia, ou seja, é o significante.

Ao longo das partes do TCLG ainda referentes à primeira parte do terceiro curso, há algumas passagens que contêm o termo fala, embora todas estejam relacionadas aos estudos da evolução fonética e, portanto, não forneçam uma caracterização do termo como elemento integrante da linguagem e interdependente da língua.

A primeira passagem que constitui o termo fala, e que se refere à segunda parte do terceiro curso, consiste na representação do “Circuito do fala”, que é assim representado:

²⁴ “On accorde une plus grande importance à l’image qu’à la chose réelle. Et la pour plusieurs causes. (...) En second lieu, pour la majorité des individus il y a une préférence donnée aux impressions visuelles sur les impressions acoustiques. C’est image que paraît être la chose en chair et en os parce qu’elle est fixe, tangible, visible, tandis que la **parole** paraît insaisissable, fuyante, dès qu’elle a cessé de résonner.”

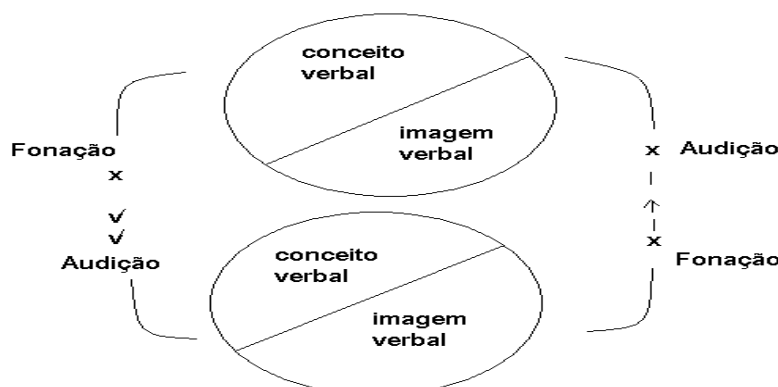


Figura 1 – Circuito da fala (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993:67)

Apesar de ser nomeado como “Circuito da fala”, o ato individual é utilizado como meio para que se possa observar a língua, a qual consiste na “esfera especial”, dentre todas em que a linguagem está inscrita:

Considere, dentre as diversas esferas em que a linguagem se encontra, a esfera especial que corresponde aquela que chamamos a língua. Essas esferas podem ser observadas no **ato individual**. O ato individual, em se tratando da linguagem, necessita de dois indivíduos. Temos assim o conjunto que pode ser chamado de **circuito da fala**.²⁵ (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993: 67, tradução nossa) [grifo do autor]

A interdependência existente entre língua e fala pode ser nitidamente percebida neste trecho, uma vez que só por meio do circuito da fala foi possível a Saussure demonstrar as esferas que envolvem a linguagem, dentre as quais está especialmente a língua. A partir de tal circuito, é desvinculado da língua tudo que é físico e fisiológico, pertencendo a ela apenas os elementos psíquicos, ou seja, a imagem acústica (ou verbal) e o conceito a ela relacionado.

No que tange a interdependência entre a língua e a fala, posterior ao circuito da fala é adicionado que, independente de a linguagem ser ou não uma função natural, a língua “resta como a ferramenta essencial para a **faculdade da linguagem**” (SAUSSURE 1993:70). Nesse ponto, é importante ressaltar que o termo “faculdade da linguagem”, durante o terceiro curso, corresponde à fala, uma vez que o título da parte do terceiro curso destinada à delimitação de tal conceito fora definido como “Faculdade da Linguagem seu uso pelos indivíduos”.

Dessa forma, a língua é tida como a ferramenta essencial da **fala**, fato que reforça a existência de uma interdependência entre esses dois objetos. O esquema que se segue a esse

²⁵ “Considérons dans les sphères diverses où se meut le langage la sphère spéciale qui correspond à ce qui est pour nous la langue. Ces sphères ont à être observées dans l’**acte individuel**. L’acte individuel quand il s’agit de langage suppose deux individus. On aura ainsi au complet ce qu’on peut appeler le **circuit de la parole**.”

trecho mostra a linguagem como um todo, isto é, composta de forma equivalente tanto pela língua como pela fala:

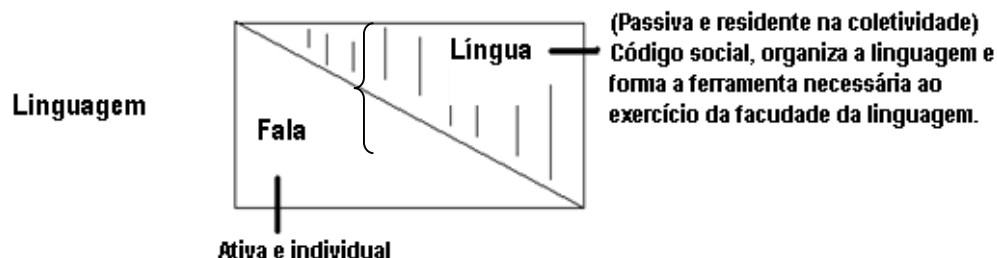


Figura 2 – (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993:70)

A linguagem é representada por um retângulo, que é dividido em dois triângulos iguais: um correspondente à língua, e outro correspondente à fala. A língua é caracterizada como o “código social” que “organiza a linguagem e forma a ferramenta necessária ao exercício da faculdade da linguagem” (ou fala), e por isso é “passiva e residente na coletividade” (SAUSSURE 1993:70). A fala é ativa e consiste no uso individual do código, que é a língua. Assim, temos que a fala depende da língua, uma vez que só por meio desta os indivíduos podem exercer a faculdade da linguagem, e a língua depende da fala, pois se não houvesse fala, a língua seria um código inútil, ou até mesmo não existiria. Nessa interdependência, há também a linguagem, que engloba a língua e a fala, e que necessita de ambas as existências para que ocorra.

Nesse sentido, é também afirmado que:

Sem dúvida, a língua emerge apenas através da fala, de certa forma; é necessária a fala de milhares de indivíduos para se estabelecer o acordo de onde a língua emerge. A língua não é o fenômeno inicial. [...] A língua é um tipo de secreção que em todo caso é perfeitamente distinta da função da fala, que é necessária para produzir essa secreção.²⁶ (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993:72, tradução nossa).

Tendo em vista que a língua não consiste no fenômeno inicial da linguagem, e que a fala é necessária para que a língua seja estabelecida como um pacto social, a fala seria, então, o fenômeno inicial da linguagem. Entretanto, como já mencionamos anteriormente, Saussure

²⁶ "Sans doute, la langue n'est sortie elle-même <que> de la parole dans un certain sens ; il faut la parole de milliers d'individus pour que s'établisse l'accord d'où la langue sortira. La langue n'est pas le phénomène initial. [...] La langue est une sorte de sécrétion du reste parfaitement distincte de fonction de la parole nécessaire pour dégager cette sécrétion."

afirma que a língua é a ferramenta necessária para que a fala ocorra. Diante desse paradoxo, cremos ser importante adicionar a seguinte passagem:

A parte **fala** da linguagem não possui vínculos essenciais com a parte língua. A melhor maneira de julgar essa parte fala é se colocar na língua como ponto de partida.²⁷ (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993: 73, tradução nossa) [grifo do autor]

Isto é, mesmo que língua e fala estejam relacionadas e sejam interdependentes, o laço que as vincula não é essencial. Além disso, embora seja possível estudar cada um desses objetos de forma desvinculada um do outro, o melhor meio de se estudar a fala consiste em tomar a língua como ponto de partida.

No que tange diretamente à fala e aos elementos que a compõem, Saussure afirma que as sílabas são unidades da fala. Contudo, a explicação da razão pela qual tais unidades pertencem à fala não é feita diretamente, mas sim por oposição:

Em princípio, vemos muitas coisas que nos pareciam unidades. Mas olhando mais de perto, pudemos perceber que elas não são linguísticas, como eu supunha ser as sílabas [...]. Percebe-se que elas são unidades da fala, e não unidades linguísticas.²⁸ (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993:79, tradução nossa).

As sílabas foram consideradas como unidades da fala, não porque Saussure falava a respeito dos elementos componentes da mesma, mas sim porque elas não consistiam em unidades linguísticas, as quais consistiam no alvo de sua exposição no momento. Nesse trecho, portanto, há uma delimitação das unidades da fala por meio da negatividade, ou seja, devido ao fato de as sílabas pertencerem à linguagem, mas não pertencerem à língua, eles constituem, desse modo, em elementos da fala.

Ao delimitar que a língua reside na coletividade, e que a fala, por outro lado, não possui nada de coletivo, Saussure estabelece uma definição opositiva, visto que tal definição parte do caráter coletivo da língua para afirmar o caráter individual da fala:

Tudo que pertence à língua é implicitamente coletivo. Em revanche, não há fala coletiva. <Dizer que uma palavra entra na língua, é dizer que ela recebeu aprovação coletiva.> Os atos da fala permanecem individuais, para além de

²⁷ “La partie **parole** de langage n’a pas de liens essentiels avec la partie langue. Le meilleur moyen de juger de cette partie parole c’est de se placer dans la langue comme point de départ.”

²⁸ “Au premier moment, nous voyons beaucoup de choses nous apparaissant comme des unités. Mais en regardant de près, on s’apercevrait qu’elles ne sont pas linguistiques, comme je suppose les syllabes [...]. On s’aperçoit que ce sont des unités de la parole et non des unités linguistiques.”

serem momentâneos.²⁹ (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993: 91, tradução nossa)

Da mesma maneira, o modo como a fala é representada em um conjunto de pessoas também se dá por oposição, visto que primeiramente é exposto que a língua se apresenta na coletividade “na forma de um depósito <existente no cérebro> de cada pessoa que compõe a multidão” (SAUSSURE 1993:91), para que depois se afirme que a fala

[...] é a soma do que as pessoas dizem umas às outras, isto é a) combinações individuais, frases, dependentes da vontade do indivíduo e correspondente a seu pensamento individual, b) atos de fonação, que são a execução dessas combinações, igualmente voluntários;³⁰ (SAUSSURE apud CONSTANTIN 1993:91, tradução nossa)

A nosso ver, embora essa caracterização da fala apareça de forma opositiva à caracterização da língua, ainda assim ela nos fornece duas características concretas e diretas, ou seja, a fala é caracterizada, sem rodeios, pelas combinações individuais e pelos atos de fonação, ambos dependentes da vontade individual. Entretanto, independente das caracterizações de fala apresentadas no TCLG serem evidenciadas de forma direta, opositiva ou por negatividade, a existência delas confirma não só a interdependência entre língua e fala, mas também, e principalmente, que a fala foi tratada por Saussure durante seu terceiro curso.

5. Considerações finais

O objetivo principal desse artigo foi investigar o conceito de fala nas notas dos alunos que participaram dos três cursos de linguística geral proferidos por Saussure de 1907 a 1911. Partimos de duas hipóteses fundamentais: a primeira diz respeito à negação de que a fala teria sido excluída da teorização saussuriana; e a segunda, de que não há diferenças consideráveis, como afirma Mejía (2005), entre o conceito de fala tomado no primeiro e no segundo curso.

Parece-nos evidente que a primeira hipótese foi confirmada. Saussure fez várias observações sobre a natureza da fala nos três cursos, entretanto elas estão sempre acompanhadas de considerações sobre a língua. Isso evidencia a maneira opositiva e relacional com que o conceito de fala é construído. Ademais, podemos afirmar que a fala ocupa um papel central na

²⁹ “Tout ce qui est langue est implicitement collectif. En revanche il n’y a pas de parole collective. <Dire qu’un mot est entré dans la langue, c’est dire qu’il a reçu l’approbation collective.> Les actes de la parole demeurent individuels outre qu’ils sont momentanés.”

³⁰ “[...] est la somme de ce que les gens se disent les uns aux autres; c’est-à-dire a) combinaisons individuelles, phrases, dépendant de la volonté de l’individu et répondant à sa pensée individuel; b) d’actes de phonation, qui sont l’exécution de ces combinaisons, également volontaires.”

teoria saussuriana, tendo em vista que ela é o mecanismo que permite as mudanças ocorridas na língua e o contato desta com os elementos extralinguísticos.

No que diz respeito à nossa segunda hipótese, pensamos que, ao contrário do que Mejía (2005) defende, a distinção língua/fala não possui grandes diferenças quando considerada no primeiro e no terceiro curso. No PCLG a fala é colocada como o lado social da linguagem, enquanto que no TCLG é a sua natureza individual que é afirmada. Entretanto, devemos aqui ressaltar um aspecto importante: o fato de que a fala é social e, conseqüentemente, está inserida no discurso e estabelece relação com a ordem extralinguística, não implica que ela não se constitua como individual na medida em que é o indivíduo que escolhe e organiza os signos de acordo com os seus objetivos. É por tal motivo que, no TCLG, a fala é colocada como um “ato individual” que supõe dois indivíduos.

Além disso, temos que no PCLG, a língua é colocada como um “reservatório individual”. Ora, essa afirmação só evidencia o fato de que a língua está presente em todos os indivíduos e, se tomarmos um indivíduo determinado e analisarmos o seu “reservatório”, teríamos contato com a sua “língua individual”. Ademais, Saussure também afirma que a partir do momento em que se considera o conjunto de todos os reservatórios individuais, chega-se à língua considerada enquanto social. É justamente esse conjunto que constitui o sistema linguístico e que deve ser estudado pelo linguista.

Não há, portanto, diferenças significativas na conceituação da fala. Contudo, isso não implica afirmar que a teoria saussuriana permaneceu estática durante os três cursos. Ao contrário, há um desenvolvimento teórico evidente, não só no que diz respeito ao conceito de fala como também aos conceitos de língua, linguagem, valor, signo etc. O que deve ser ressaltado é o fato de que esse desenvolvimento teórico não está relacionado a grandes mudanças de perspectivas e, por fim, que a fala ocupa um papel central na teoria saussuriana.

Referências

COELHO, M. P. The differences between the editions of the Saussure's third course of lectures. In: **Congrès Mondial de Linguistique Française – CMLF 2012 SHS Web of Conferences**. Vol. 1, p. 723-736, 2012.

_____. O último curso de Ferdinand de Saussure e sua presença no "Curso de Linguística Geral". **Revista Entrepalavras**. Volume 1, p. 59-69. Fortaleza, 2011. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/images/1EDICAO/PDF/201105MicaelaCOELHO.pdf> Acesso em 27/10/2011.

DE MAURO, T. Introduction. In: SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: édition critique par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1986.

GAMBARARA, D. Un texte original: Présentation des textes de F. de Saussure. In: **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol.58, n. 58, p. 29-42. Genève: Droz, 2005a [2006].

GODEL, R. **Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. De Saussure**. Genève, Librairie Droz, 1969.

MEJÍA, C. Sous les signe de doute – Présentation des textes de E. Constantin. In : **Cahier Ferdinand de Saussure**. Vol. 58, p. 43-67, Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure. Genève : Librairie Droz S.A, 2005.

NORMAND, C. **Saussure**. Tradução Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 184 p.

SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale** - Édition critique préparé par Tulio de Mauro. Paris: Payot, 1986.

_____. **Cours de Linguistique Générale**. Édition critique par Rudolf Engler (Tome 1). Wiesbaden: Harrassowitz, 1967.

_____. **Curso de linguística geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006. *Cours de linguistique générale*. Charles Bally e Albert Sechehaye (orgs.), com a colaboração de Albert Riedlinger, [1916].

_____. **Première Cours de Linguistique Générale (1907)** : d'après les cahiers d'Albert Riedlinger/ Saussure's first course of lectures on general linguistics (1907) : from the notebooks of Albert Riedlinger. French text edited by George Wolf e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1997.

_____. **Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909)**: d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois / Saussure's second course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Albert Riedlinger and Charles Patois. French text edited by George Wolf e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1997.

_____. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911)**: d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

Artigo recebido em: 22.02.2014

Artigo aprovado em: 04.06.2014